

LITERATURA DE CORDEL
DIA DE FEIRA É A
FESTA MAIOR DO INTERIOR



POETA
HELIODORO MORAIS



DIA DE FEIRA É FESTA MAIOR DO INTERIOR

Que saudade do meu interior
Sua gente, sua simplicidade
Seu orgulho é não ter vaidade
Nem apego a coisas de valor
Amizade é o seu balizador
Sua vida é uma doce brincadeira
Ninguém perde a pose por besteira
Porque sabe o que é felicidade
A alegria transborda na cidade
No dia da semana que tem feira

Numa rude barraca de madeira
Coberta de lona desbotada
Tem um monte de frutas espalhadas
Encostada as panelas da loiceira
Tem um nego dormindo numa esteira
Uma moça lavando uma calçada
Na bodega, uma prosa animada
Pra falar do inverno desse ano
Lá no beco da troca tão butano
Um bocado de coisa véia usada

Logo cedo se vê pela estrada
Um cabôco montado num cavalo
Por debaixo do braço traz um galo
Que vai dar de presente a namorada
A carroça de burro vem lotada
De batata, melão e melancia
Vinte mói de coentro na bacia
A rabada e um quarto de carneiro
Que o matuto só vende a dinheiro
Pra tomar umas cana até mêi mei dia

Um sujeito a pé com a família
Um irmão, a mulher e seis menino
Os mais forte carrega os mais mofino
Com o suor escorrendo nas viria
O casal vem tangendo uma novia
Hoje vão ter um dia diferente
Passear e comer cachorro-quente
Assistir uma dança de quadria
Comprar uma calunga e dar a fia
E pros filhos um espelho mais um pente

O caminhão da feira chei de gente
Se arrasta em busca da cidade
É a hora do papo das comadres
Cada qual diz um troço diferente
Zefa vêi com batom até nos dente
As bochecha de chica tão vermeia
Muito pó de arroz lhe deixou feia
Mesmo assim vai feliz e sorridente
O vestido de joana é transparente
Rosa tem um buraco numa meia

Bernadete se arruma e sê penteia
Bota um frizo no mêi do penteado
Severina com seu bucho quebrado
Tá igual um filhote de baleia
Zilda fala demais da vida alheia
Isabel vai cochilando inocente
Sua calça rasgou-se bem na frente
Chega mostra a sua intimidade
E os home espia com vontade
O negócio por onde nasce gente

Quando chega na rua o sol tá quente
Pára o carro, o povo se aquieta
Pai e mãe, filho, irmão, avô e neta
Se misturam naquele ambiente
Vão sorrindo com cara de contente
Pisa em lixo não liga pra sujeira
Respirando mal cheiro com poeira
Tropeçando nas coisas pelo chão
E guardando na venta um porção
De fedor do suor de sovaqueira

Já tem gente demais fazendo feira
E de tudo que é troço vão comprando
Os feirante animado tão gritando
Ói a manga, o cajá, a macaxeira
Jirimum, capim santo, erva-cidreira
Catuaba, banana e melão
Pera, uva, laranja e limão
Acerola, romã, chuchu, batata
Mas do jeto que coisa tão barata
Vão voltar sem levar nenhum tostão

Compra em grosso uma cuia de feijão
Meia saca de arroz e de farinha
Outro aperta no papo da galinha
Pra saber se gordura ou inchação
Não se esquece de ir comprar o pão
Carne seca, fubá e rapadura
E a erva que é pra fazer a cura
De um caboco que ta de bucho inchado
Porque ontem comeu peba torrado
Com cozido de perna de mucura

Na igreja um padre e uma freira
Rezam a missa e dão a comunhão
Tem menino rolando pelo chão
Faz o padre perder as estribeira
A beata, dessas bem rezadeira
Reza o terço dizendo a ladainha
Credo em cruz, virgem santa, ave maria
Protegei-nos, oh gloriosa mãe!
Ide em paz, o senhor vos acompanhe
Diz o padre e vai pra sacristia

Lá na praça, no pingó mên dia
Tem um parque que tira o sossego
É menino descendo no escorrego
Chega o fundo da calça alumia
A menina cansada diz a tia
Tô com fome, quero comer bagana
A coitada da tia não tem rana
Mas achou dentro da sua sacola
Um biscoito mais duro do que sola
Uma banda de pão e uma banana

Tem tarrafa, anzol e ferradura
Santo, cinto, chinela e chibata
Coisas do Paraguai, CD pirata
Cana de alambique da mais pura
Lambedor, pomada pra queimadura
Periquito, canário e gaiola
Sanfoneiro, tocador de viola
Um moleque pedindo uns trocado
E no canto da rua um aleijado
Que em nome de Deus pede uma esmol

Sopa, caldo de cana, coca-cola
Pão, coxinha, pastel, grude, bolacha
Tapioca, queijo assado na taxa
Leite gordo, suco de graviola
Gergelim, mexerica, acerola
Erva-doce, cuminho e colorau
Papa de carimã, cuscus, mingau
Macaiba, pitomba e azeitona
Tem xarope de leite de mamona
E piaba frita no alho e sal

Tem pegador de roupa pra varal
Petisqueiro, baú e cristaleira
Tem pinguim pra botar em geladeira
Biscuí, porta-chapéu, garajal
Oratório, alfinete, castiçal
E cinzeiro de pé de castanhola
Estilingue, cordel, colchão de mola
Tem moinho de carne, manual
Pé de cabra, marrafa de metal
Pegador de tampa de caçarola

Num boteco de frente da escola
Um peão enche o rabo de cachaça
Diz piada, faz verso, acha graça
Vai dizer uma coisa, a língua enrola
Cospe o chão, pisa em cima nem dá bola
Quebra um copo, derruba uma cadeira
Cai de bebo, levanta na carreira
Se lambuza no prato de picado
Já não fala, de tão embriagado
Mesmo assim inda pede a saideira

Na igreja um padre e uma freira
Rezam a missa e dão a comunhão
Tem menino rolando pelo chão
Faz o padre perder as estribeira
A beata, dessas bem rezadeira
Reza o terço dizendo a ladainha
Credo em cruz, virgem santa, ave maria
Protegei-nos, oh gloriosa mãe!
Ide em paz, o senhor vos acompanhe
Diz o padre e vai pra sacristia

Lá na praça, no pingó mêi dia
Tem um parque que tira o sossego
É menino descendo no escorrego
Chega o fundo da calça alumia
A menina cansada diz a tia
Tô com fome, quero comer bagana
A coitada da tia não tem rana
Mas achou dentro da sua sacola
Um biscoito mais duro do que sola
Uma banda de pão e uma banana

Chega a tarde e o povo em caravana
Vai embora, de carro ou a cavalo
Muita gente tá c'os pés chei de calo
Tira as bota, abre os dedo e se abana
O chulé sobe feito a caninana
Mas os nego morrendo de coceira
Mete os dedo na lasca da frieira
Chega fica feliz, achando graça
E assim mais um dia bom se passa
Outro igual só vai ter na outra feira

E assim terminou a brincadeira
A vida retornou ao seu normal
Cada um já voltou pro seu local
E guardou tudo que comprou na feira
Tira a roupa que foi, bate a poeira
E arruma no fundo do armário
O que resta é fazer o comentário
Desse dia que foi tão animado
E depois jogar tudo no passado
Com um risco a mais no calendário

O AUTOR



HELIODORO MORAIS, nascido na cidade de Caicó-RN, em 08.12.53, funcionário aposentado do Banco do Brasil, radicado em Natal desde 2002. É admirador do cordel, dos repentistas e cantadores de viola.

Atualmente se dedica à escrita de cordéis, letras musicais e algumas canções, além de outras modalidades poéticas.

Telefone para contato: (84) 9974-6979

e -mail:

heliodoromoraes@digizap.com.br

PEDIDOS DESTES E OUTROS CORDÉIS

CASA DO CORDEL

Rua Vigário Bartolomeu, 578

Centro - CEP: 59025-100

NATAL/RN

FONE: 9954-6865